

SATURAÇÃO INTELECTIVA DA COSMOVISÃO EVOLUTIVA (SICE): CONDIÇÕES HIPOTÉTICAS PARA VIVÊNCIA DA COSMOCONSCIÊNCIA

INTELLECTIVE SATURATION OF THE EVOLUTIVE COSMICVISION (ISEC): HYPOTHETICAL CONDITIONS FOR THE EXPERIENCE OF COSMOCONSCIOUSNESS

SATURACIÓN INTELECTIVA DE LA COSMOVISIÓN EVOLUTIVA (SICE): CONDICIONES HIPOTÉTICAS PARA LA EXPERIENCIA DE COSMOCONCIENCIA

Rodrigo Marchioli

Especialidade: Evoluciologia

Resumo

O presente trabalho visa apresentar condições hipotéticas para vivência da cosmoconsciência a partir do conceito denominado de Saturação Intelectiva da Cosmovisão Evolutiva (SICE). A hipótese está estruturada na ideia de que é possível vivenciar a cosmoconsciência caso o interessado venha a impregnar a própria cosmovisão a partir do paradigma evolutivo proposto pela Conscienciologia. A saturação ocorreria no primeiro momento de maneira intelectual teórica, depois prática, até chegar ao estado no qual a consciência funcionaria intuitivamente a partir dessa concepção.

Palavras-chave: Intuição; Ponto de vista; Prática; Teoria; Valores evolutivos; Visão de conjunto.

Abstract

The present work aims to present hypothetical conditions for the experience of cosmoconsciousness from the concept called Intellectual Saturation of the Evolutionary Cosmivision (ISEC). The hypothesis is structured on the idea that it is possible to experience cosmoconsciousness if the interested one comes to saturate their own cosmivision from the evolutionary paradigm proposed by Conscientiology. This saturation would occur at first in a theoretical intellectual way, then in a practical way, until reaching a state in which consciousness works intuitively from this conception.

Keywords: Evolutive values; Intuition; Overview; Practice; Standpoint; Theory

Resumen

Este trabajo tiene por objetivo presentar condiciones hipotéticas para la experiencia de cosmoconciencia a partir del concepto denominado Saturación Intelectiva de la Cosmovisión Evolutiva (SICE). La hipótesis fue estructurada sobre la idea de que es posible experimentar la cosmoconciencia en el caso que el interesado consiga impregnar esa cosmovisión a partir del paradigma evolutivo propuesto por la Concienciología. La saturación ocurriría en un primer momento, de manera intelectual, teórica y después práctica, hasta alcanzar el estado en el cual la conciencia funcionaría intuitivamente a partir de esa concepción.

Palabras-clave: Intuición; Práctica; Punto de vista; Teoría; Valores evolutivos; Visión en conjunto.

INTRODUÇÃO

O artigo se propõe a dar rápido panorama sobre o que é e como se pode definir, em termos gerais, a cosmoconsciência. Para isso, conta com definições trazidas pelos principais autores os quais já se dedicaram sobre o tópico. A partir dessas contribuições, as quais constituem ponto de partida imprescindível, consegue-se adentrar mais propriamente na proposição de determinado caminho palpável e plausível. Essa abertura de picada pretende não apenas explicar o possível percurso até a cosmoconsciência, mas também oferecer hipótese na qual o interessado pode se aproveitar para vir a ter a almejada experiência. Sem qualquer pretensão de fechar essa trilha enquanto único caminho, ou de arrogar ser essa a rota verdadeira ou autêntica, quer-se fornecer bases para se compreender o fenômeno com vistas à facilitação da autoexperimentação.

Nesse sentido, os conceitos de cosmovisão e evolução, ambos notadamente na acepção conscienciológica, são centrais nesta proposição. Conjectura-se ser da saturação desse ponto de vista específico (cosmovisão evolutiva) que o estado de maior homeostase começa a se insinuar, na denominada expansão de consciência, e quando atinge o pico máximo de transbordamento deságua na chamada cosmoconsciência.

Tanto a insinuação quanto o transbordamento máximo decorrem de modo específico de funcionamento da consciência relacionados à forma de apreender e perceber a realidade. A captação da realidade que nos cerca depende diretamente da cosmovisão adotada, na concepção convencional, e da cosmovisão adquirida, segundo a concepção conscienciológica. Além desse condicionamento apriorístico, essa apreensão e, sobretudo, a forma como se lida com as situações as quais se afiguram nos contextos em que se está inserido, pode se dar de duas maneiras: (i) pela intelecção, quando ainda nas fases mais ou menos iniciais de compreensão desses contextos, nos quais se utilizam mecanismos de comparação, análise, memória, juízos críticos, dentre outros recursos intelectivos; e, (ii) pela intuição, quando

já se compreende com relativa desenvoltura tais contextos e se passa a funcionar de modo mais automatizado, sem o intermédio de procedimentos intelectivos.

Segundo a hipótese aqui defendida, quando a cosmovisão evolutiva, sobretudo na acepção conscienciológica, passa a funcionar de modo intuitivo, as expansões de consciência ocorrem e no ponto alto, a cosmoconsciência.

Considerando o exposto, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: na primeira seção, trata-se de brevíssimo panorama e definições sobre a cosmoconsciência; na segunda, definições e aprofundamentos sobre a cosmovisão e a evolução; e na terceira sobre o processo gradual da inteligência à intuição sobre a evolução até a cosmoconsciência.

I. BREVÍSSIMO PANORAMA E DEFINIÇÕES SOBRE A COSMOCONSCIÊNCIA

O fenômeno da cosmoconsciência, assim como toda a Parafenomenologia de modo geral, não é algo novo, mas experienciada e relatada ao longo de toda história por ser algo inerente à consciência.

Os relatos, entretanto, como não poderia deixar de ser, estão permeados pelos elementos culturais, a linguagem e o vocabulário próprios do tempo e do meio daqueles os quais se dispuseram a fazer esses registros.

Pode-se remontar, sem prejuízo de outros experimentadores do fenômeno, às 13 seguintes consciências, espalhadas por vários locais do planeta e da história as quais relatam ou que se supõe terem vivenciado em algum nível a cosmoconsciência ou estilo de vida compatível com tal fenômeno, dispostas abaixo em ordem cronológica (BUCKE, 1905; SCHNEIDER, 2019, p. 121; VIEIRA, 2007, p. 199-206):

01. Sidarta Gautama (563 a.e.c.–483 a.e.c.).
02. Patanjali (por volta de 200 a.e.c. e 400).
03. Plotino (204–270).
04. Juan de Yepes y Alvarez (1542–1591).
05. Emanuel Swendenborg (1688–1772).
06. William Blake (1757–1827).
07. Henry Thoreau (1817–1862).
08. Walt Whitman (1819–1892).
09. Ramakrishna Paramahansa (1835–1886).
10. Richard Maurice Bucke (1837–1902).
11. Edward Carpenter (1844–1929).
12. Ramana Maharshi (1879–1950).
13. Waldo Vieira (1932–2015).

Segundo os relatos e as análises de tais personalidades, elas vivenciaram algum nível de cosmoconsciência. A respeito dessa gradação, segundo Vieira (2008), por exemplo, existem 3 categorias básicas quanto à intensidade da cosmoconsciência:

- 1. Aproximativas:** correspondentes ao estágio inicial ou mínimo de cosmoconsciência.
- 2. Médias:** correspondentes ao estágio intermediário, ou seja, nem tão inicial, mais fraca ou menos intensa, e nem tão forte e arrebatadora quanto poderia ser.
- 3. Intensas:** correspondentes ao estágio máximo do fenômeno, cuja magnanimidade depende, segundo o autor, da maturidade do experimentador quanto aos aspectos biológicos, mentais e etológicos de modo geral (holomaturidade propriamente dita).

Outros pesquisadores se dedicaram a detalhar ainda mais esses estágios. Schlosser (2017, p. 280/281), por exemplo, apresenta 12 níveis de expansão da consciência os quais podem chegar nos estágios finais à cosmoconsciência e à sucessão de cosmoconsciência, conforme abaixo listado em ordem crescente:

01. Cosmovisão na vida humana.
02. Uma parapercepção.
03. Conjunto de parapercepções.
04. Projetabilidade consciente habitual.
05. Projeções com autolucidez acima do estado de vigília comum.
06. Domínio da expansão da autolucidez inicial no intrafísico.
07. Autoconsciência paracognitiva.
08. Treinamento de expansão da consciência fora do corpo.
09. Primeira expansão extrafísica voluntária da consciência.
10. Primeira grande expansão da consciência no intrafísico.
11. Primeira cosmoconsciência extrafísica.
12. Série de cosmoconsciências extrafísicas.

A listagem proposta pelo referido pesquisador apresenta-se enquanto chave interessante à presente proposição a qual se embasa fundamentalmente no desenvolvimento e consequente saturação intelectual da cosmovisão evolutiva. Assim como Schlosser entende ser a cosmovisão o princípio fundamental da vivência da cosmoconsciência, assim também compreende este autor, cuja hipótese do aqui delineado se corrobora pela percepção de outros estudiosos e pesquisadores sobre o tema.

Vale aproveitar o ensejo para se comentar brevemente o seguinte: essa listagem não segue ordem linear, perpassando obrigatoriamente cada 1 dos 12 estágios. Ao menos segundo alguns dos relatos encontrados até o momento (MARCHIOLI, 2021; ANDRADE, 2019; FRERE,

2021; BUCKE, 1901), não se verifica a necessária passagem de etapas. No entanto, segundo a proposição desenvolvida neste trabalho assente-se com Schlosser, pois nas duas pontas, isto é, do constituinte das bases desse parafenômeno e o parafenômeno em si estaria a cosmovisão evolutiva no começo e a cosmoconsciência no final, respectivamente.

Para isso é necessário conceituar ambos os aspectos, tanto a cosmovisão evolutiva quanto a cosmoconsciência. Haja vista a definição já proposta da cosmoconsciência, começa-se por ela. Originalmente, o termo cosmoconsciência foi cunhado como “consciência cósmica” (cosmic consciousness no original) por Edward Carpenter (1903, p. 154, sendo a primeira edição de 1892). A partir disso, Bucke (1901) de seu próprio relato detalhou a experiência sendo algo capaz de produzir “sensação de exultação, de imensa alegria acompanhada ou imediatamente seguida por iluminação intelectual impossível de descrever”, bem como induzidora do conhecimento intuitivo no sentido de “o Cosmos não é matéria morta, mas Presença viva, que a alma do homem é imortal, que o universo é construído e ordenado”.

Vieira (2008, p. 133) em linha muito semelhante à de Bucke, inclusive terminológica, descreve-a enquanto “condição ou percepção interior da consciência do Cosmos, da vida e da ordem do Universo; exultação intelectual e ética impossível de se descrever, quando a consciência sente a presença viva do Universo e se torna una com ele, em unidade indivisível”. Em outra oportunidade (2018, p. 7.435), também a define, com algumas diferenças, a maneira de “condição ou percepção interior, expansiva, da consciência, através do mentalsoma, quanto ao Cosmos, à vida e à ordem do Universo, com exultação intelectual e cosmoética impossível de se descrever, quando o ser lúcido sente a presença viva da Tudologia e se torna uno, coerente e no fluxo ortopensênico das realidades e pararealidades, ao modo de unidade indivisível”.

Já Schlosser (2018, p. 23/24) não a denomina diretamente de cosmoconsciência, mas de “expansão de consciência máxima”. Nesse sentido, ele a define ao modo de “ampliação máxima de um conjunto de atributos conscienciais, temporária ou permanentemente, gerando um efeito significativo de amplificação da parapercepção cósmica, constituindo a obtenção do fenômeno da cosmoconsciência”.

Este autor (2020) define o parafenômeno mentalsomático enquanto o “ato ou efeito parafisiológico de captar ou apreender, por meio de atributos e capacidades paraperceptivas, fenômenos relacionados ao mentalsoma da conscin, homem ou mulher, desencadeados pela soltura ou descoincidência parcial ou total de tal veículo de manifestação”. Com base nessa definição genérica, a cosmoconsciência seria o parafenômeno mentalsomático mais avançado, notadamente quando reúne as 15 seguintes características listadas abaixo em ordem alfabética:

01. Afetividade. Vivência necessária de sentimentos elevados.

- 02. Associatividade.** Parapercepções menos ou quase nada poluídas por comparações e/ou associação de ideias.
- 03. Autexperimentação.** Experimentação relativa ou total da não-dualidade.
- 04. Cognitividade.** Cognição em bloco.
- 05. Comunicatividade.** Comunicação amorfa (utilização mais ou menos maior do conscienciês).
- 06. Conectividade.** Conexão predominante com o presente atemporal.
- 07. Criticidade.** Juízos críticos sobre a realidade não enviesam a vivência e as percepções.
- 08. Cronemia.** Percepções menos ou quase nada enviesadas pela cronemia.
- 09. Cronologia.** Predominância da perda da noção de tempo.
- 10. Homeostática.** Sensação predominante de paz e bem-estar íntimo.
- 11. Idiosincrasia.** Menor enviesamento das percepções pelos filtros e idiosincrasias pessoais.
- 12. Intelecção.** Ampliação da cognição cósmica (cosmocognição).
- 13. Mentalsomaticidade.** Descoincidência do mentalsoma necessária.
- 14. Paraperceptibilidade.** Vivência da sensação de pertencimento ao todo.
- 15. Parapolítica.** Vivência da paracidadania cósmica.

II. DEFINIÇÕES E APROFUNDAMENTOS SOBRE A COSMOVISÃO E A EVOLUÇÃO

A expressão composta cosmovisão evolutiva exige definir 2 pontos: o que é cosmovisão; e, o que é evolução, para se saber em seguida como opera a saturação intelectual.

Por cosmovisão, duas acepções podem ser admitidas. A primeira, da ciência convencional, a qual se desenvolve inicialmente com a Filosofia e se desdobra na Sociologia, Linguística e Psicologia. E a segunda, do arcabouço conceitual da Conscienciologia. Ambas não são excludentes ou infirmam umas às outras, mas se complementam ou se sobrepõem de certa maneira, conforme se apresenta melhor a seguir.

Em linhas gerais, a primeira acepção poderia ser sintetizada enquanto visão de mundo (*worldview, weltanschauung*); enquanto a segunda traduzida pela ideia de visão de conjunto. Vieira traz várias contribuições acerca da cosmovisão na acepção conscienciológica. Segundo ele, o percurso da cosmovisão perpassa pelo “ato ou efeito de analisar, avaliar, examinar, interpretar ou julgar com acurácia a realidade, algo, objeto, fato, caso, ideia ou construto de maneira meticulosa, observando nitidamente a extensão dos componentes do todo, para descobrir mais, antes de quaisquer outras providências técnicas, pesquisísticas ou investigações racionais, a fim de determinar exatamente, em definitivo, com alto nível auto e heterocrítico, o eixo da demanda do objetivo” (2018, p. 17.790). Ainda com ele, para se ter cosmovisão em qualquer tema é necessário seguir rigorosamente essas etapas e procedimentos antecipadamente. Quando se consegue a partir disso enxergar “além das ocorrên-

cias ou interesses banais da cotidianidade diuturna”, a consciência torna-se capaz de sobreparar os “impulsos da mediocridade” e “perder o interesse pelas miríades de estímulos das trivialidades e idiotismos culturais do *Zeitgeist*” (2018, p. 7.476).

O próprio conceito de cosmovisão pode ser analisado cosmovisiologicamente em espécie de “metacosmovisão”. Para Azevedo, a cosmovisão pode ser distribuída em 5 categorias. Dentre elas, destacam-se 2 de maior relevância para o presente trabalho: quanto à escala e quanto à abordagem exploradas abaixo conjuntamente.

A cosmovisão pode ser tanto horizontal (macrocosmovisão), quanto vertical (microcosmovisão). Na perspectiva horizontal, enfatiza-se a cosmoanálise, isto é, a apreensão ampla, espaiada, fragmentada em múltiplas partes o objeto analisado para se compreender o modo de cada variável funcionar isoladamente, não apenas decompondo o todo em suas partes constituintes ou fundamentais, mas também investigando e examinando minuciosamente cada 1 desses elementos. Trata-se de observar o objeto (algo ou alguém) nas menores partes possíveis e a partir daí estudá-las detalhadamente. Remetem a essa concepção as ideias de dissecação, picotagem, engenharia reversa e, no limite, à noção de omnicompartimentalização. Com esse olhar largo e abrangente, consegue-se estabelecer identidade e identificar padrões, embora inevitavelmente seja necessário incorrer em arbitrariedades, pois mesmo sendo análise cosmovisiológica as distorções inerentes às subjetividades não são passíveis de serem totalmente neutralizadas. Como em toda abordagem horizontalizada, preza-se aqui muito mais pela exaustividade (critério quantitativo) em comparação ao olhar minucioso do detalhismo (critério qualitativo).

Na perspectiva vertical, sublinha-se a cosmoanálise, ou seja, a apreensão pontual, cirúrgica, super direcionada, focada como o laser, a qual concentra em 1 ponto de maior convergência possível o conjunto de partes atomizadas a fim de integrar a unidade a partir dos elementos fornecidos pela análise. Trata-se de agrupar partes mais simples possíveis no todo o qual os resume em algo interativo e complexo, o qual, em especial, lhes dá sentido unitário e total. Remete analogicamente a essa concepção os processos descritos pelos conceitos de centralização da consciência e minimalismo pró-evolutivo (AZEVEDO, 2020 e 2018, p. 15.244, respectivamente).

Enquanto na abordagem horizontal espera-se identificar padrões, aqui busca-se isolar e diferenciar singularidades. Como em um quebra-cabeça, a cosmoanálise serviria, no primeiro momento, para classificar peças por certos critérios os quais as permitissem ser agrupadas em determinado conjunto (ex. peças de mesma cor ou mesmo formato), enquanto a cosmoanálise representaria o momento no qual já se teria o quebra-cabeça inteiramente montado e a partir daí se poderia dizer o que a grande imagem simboliza de maneira única. Com a riqueza de detalhes inteiramente constituída, permitir-se-ia fazer a inspeção de

perto para se esmiuçar todos os traços distintivos da suas particularidades e peculiaridades singulares.

Vieira (2014, p. 519) resume isso ao dizer: “com a associação de ideias se chega à cosmovisão”, e detalha isso ao expor: “o que amplia mais a cosmovisão da conscin lúcida é a ligação dos detalhes dos fatos e parafatos” (2014, p. 539).

Já o conceito de evolução pode ser encarado de acordo com, pelo menos, 4 linhas ou formas interpretativas: (i) místico-religiosa; (ii) filosófica; (iii) biológica; e, (iv) conscienciológica.

Evidentemente, interessa aqui a forma conscienciológica tanto de definir cosmovisão, como já feito acima, quanto de interpretar o conceito de evolução.

Por questões didáticas, assim como foram feitas diferenciações contrastantes para se delinear melhor o que se quer dizer com a cosmovisão na acepção conscienciológica, o mesmo se deseja realizar em relação à evolução. Sem a pretensão de esgotar as abordagens diversas da conscienciológica, pode-se afirmar o seguinte:

1. Em relação à forma de interpretação místico-religiosa, relaciona-se à compreensão teística ou deificada da evolução, na qual determinada entidade suprema qualquer – a exemplo do deus judaico-cristão, tal qual se dá na experiência religiosa ocidental de modo ostensivo – é a gênese ou a causa da criação de todas as formas de vida, tendo estabelecido, igualmente, a evolução enquanto o modelo natural e otimista de desenvolvimento de todos, especialmente humanos, para o fim de realizar certos desígnios divinos.
2. Com a interpretação filosófica tem-se a evolução associada a princípios metafísicos inverificáveis, tendo por característica fundamental o progresso individual e coletivo de modo necessário, contínuo e otimista, por meio de caminho único e linear. Nesse esquema, conecta-se o denominado evolucionismo em contraposição à teoria geral da evolução mais ligada à forma de interpretação da Biologia.
3. As ferramentas interpretativas da Biologia correspondem àquelas as quais apontam para a capacidade de todos os seres vivos adaptarem-se ao ambiente por meio de variações orgânicas maiores ou menores ao longo do tempo, não-linear e acumulativa através da hereditariedade dos genes. Nessa linha, desvincula-se por completo de qualquer conotação de progresso otimista, e de qualquer referencial arquetípico ou princípio axiomático tal como operam as duas correntes interpretativas anteriores, respectivamente.
4. Por fim, a exegese conscienciológica busca abarcar a mesma noção básica de progresso individual e coletivo do ponto de vista filosófico, tendo por espectro de análise do mineral até a Consciex Livre (CL) ou, de modo mais palpável, do vírus até o Homo sapiens serenissimus, tendo por princípio a inclusão da multidimensionalidade em todas as abordagens. Todavia, não funda suas hipóteses, teses, modelos, achados, teorias e leis em argumentos

aceitos mediante expedientes de crença e fé absoluta em dogmas inquestionáveis, nem em argumentos abstratos válidos enquanto pressupostos de lógica interna, sem correspondência em indícios, evidências, fatos, parafatos ou autovivências. Também se distancia de acepções materialistas típicas da interpretação biológica, pois, ao se vislumbrar o percurso do desenvolvimento humano de modo mais amplo, considerando-se precipuamente a multiexistencialidade, mais cedo ou mais tarde a consciência acaba por se encontrar em condições melhores em relação às anteriores.

Conforme este autor entende, a Conscienciologia consegue descrever a evolução de modo mais fidedigno à realidade consciencial e estabelecê-la ao modo de lei, dada a repetibilidade, a constância e os padrões passíveis de serem verificados multiexistencialmente por qualquer interessado na autopesquisa e no autoconhecimento, especialmente parapsíquico. Essa melhora é aferível basicamente por 2 fatores: (i) maior nível de saúde integral ou holossomática (física, energética, emocional e mental); (ii) maior nível de cognição geral, englobando os saberes proporcionados tanto pela dimensão intrafísica, quanto pelas dimensões extrafísicas. Esse nível de maior saúde holossomática pode ser constatado pela ausência de doenças ou fissuras originados nos corpos de manifestação da consciência.

Quanto à apreensibilidade do conhecimento, trata-se basicamente do referido anteriormente a respeito dos aspectos relacionados à cosmovisão no viés conscienciológico, o qual se reserva a fazer mera remissão a esse ponto para não tornar o assunto demasiadamente exaustivo.

Essas duas vertentes servem tanto para aferição externa de evolutividade da consciência, quanto para balizar aquele interessado na própria evolução. Haja vista a necessidade de síntese neste momento, por não ser o intuito deste trabalho explorar as formas de torná-las empiricamente tangíveis, enfeixa-se o entendimento a respeito do tema dizendo-se que ambas podem ser colocadas em funcionamento por meio da prática sistemática e rotineira da interassistencialidade.

III. DA INTELECÇÃO À INTUIÇÃO SOBRE A EVOLUÇÃO ATÉ A COSMOCONSCIÊNCIA

Todo agir da consciência está fundamentado em conhecimentos adquiridos multiexistencialmente, isto é, desde o momento no qual pôde começar a registrar na holomemória todos os ensinamentos proporcionados pela vida multidimensional e multiexistencial. No entanto, nem todo saber é evolutivo. Nem todo saber atinge determinada finalidade evolutiva mais diretamente. Existem saberes dispensáveis.

Pode-se definir os saberes evolutivos enquanto capacidades ou habilidades gerais de discernimento, discriminação, distinção, separação, diferenciação, julgamento e escolha de

valores e condutas em prol do aumento de homeostase pessoal (serenidade) e da disseminação de conhecimento útil, cuja utilidade mediata ou imediata possa ser utilizada em favor de outrem direta ou indiretamente, grupal e coletivamente, no sentido também da serenidade.

As formas de conhecimento evolutivo podem ser divididas em 2 tipos: (i) o conhecimento propriamente dito (conhecimento extraconscional ou conhecimento do macrouniverso); e, o autoconhecimento (conhecimento intraconscional ou conhecimento do microuniverso pessoal). Essa distinção cognitiva, independentemente se conhecimento propriamente dito ou autoconhecimento, segue o crescendo do conhecimento teórico para o conhecimento prático (ou empírico). Esse crescendo também começa pelo conhecimento intelectual e depois da saturação teórico-empírica pelo conhecimento intelectual a consciência consegue passar a se manifestar pelo conhecimento intuitivo, no qual não se utiliza mais prioritariamente da inteligência para se saber algo ou resolver algum problema, pois as respostas e os saberes surgem espontânea e intuitivamente na mente.

Tem-se assim, didaticamente, os 3 seguintes crescendo dispostos adiante em ordem funcional:

- 1. Quanto ao âmbito:** crescendo conhecimento extraconscional-conhecimento intraconscional.
- 2. Quanto ao método:** crescendo conhecimento teórico-conhecimento prático.
- 3. Quanto à operacionalização:** crescendo conhecimento intelectual-conhecimento intuitivo.

A intuição (ou mente intuitiva) passa a funcionar após determinado ponto de saturação intelectual (mente intelectual) sobre certo tópico. Por exemplo: quando se começa a aprender a tocar violão, o aprendiz precisa olhar cada movimento realizado no violão. Precisa raciocinar, calcular, analisar, medir, pensar. Porém, depois de 10 anos tocando violão 6 horas por dia, o praticante não pensa mais em absolutamente nada na hora de tocar música simples. E não é só isso. É capaz de inovar e extrapolar em muito a base daquela canção. Nesse caso, o praticante sai do modo de funcionamento da mente intelectual e entra no modo de funcionamento da mente intuitiva podendo aprofundar nisso indefinidamente. Essa transição somente ocorre quando há saturação no funcionamento da mente intelectual sobre a prática enfocada. No caso do aprendiz de violão, a saturação ocorre tanto do ponto de vista teórico (aprender a teoria musical, ler partituras) e empírico (tocar o violão). Também igualmente ao caso do aprendiz de violão, vale muito mais a experiência prática em relação à experiência teórica. Basicamente, se o aprendiz de violão nunca tocar o violão jamais aprenderá a tocá-lo somente pela teoria. Por isso, chega-se no ponto no qual não é mais necessário investir na apreensão do conhecimento pela inteligência, embora ele seja inesgotável, pois a

intuição já está aflorada o suficiente para atender às demandas daquela determinada área do conhecimento a qual já se saturou.

Esse tipo de funcionamento vale tanto para o conhecimento propriamente dito quanto para o autoconhecimento, estando esse último diretamente relacionado à vivência dos fenômenos parapsíquicos, notadamente aqueles relacionados às expansões de consciência e à cosmoconsciência. No caso da cosmoconsciência, a saturação intelectual teórica acontece por se conhecer o máximo de tópicos possível os quais sejam capazes de expandir a consciência. Pode-se citar, por exemplo, o estudo de biografias de grandes personalidades, áreas do saber com forte vinculação à expansão de lucidez (Evolucilogia, Serenologia, Paradireitologia, Cosmoeticologia), a visualização de imagens cósmicas ou da própria natureza e assim por diante. Já a saturação intelectual prática ocorre pela vivência coerente e compatível com esses constructos teóricos expansores da consciência. Essa modalidade de vivência, a qual é o autodirecionamento voltado às questões e aos propósitos evolutivos segundo o paradigma consciencial, mexe diretamente na estrutura axiológica (moral, Cosmoética) e etológica (conduta, Paradireito) da consciência. Mexer na estrutura axiológica e etológica da consciência significa, em outras palavras, calibrar o próprio materpensene.

Ao se saturar intelectivamente da cosmovisão evolutiva por meio da teoria e, sobretudo, da prática, adentra-se no modo de funcionamento da mente intuitiva. Isso ocorre graças à calibração do materpensene nessa forma específica de pensenizar descrita pela Cosmoética e pelo Paradireito. Diz-se da Cosmoética e do Paradireito, pois ambos têm enquanto valor supremo a megafaternidade (VIEIRA, 2018, p. 16.447). Fala-se em megafaternidade, pois se pautar e se guiar por tal valor é, provavelmente, a forma mais garantida de se produzir pensenes sadios. Vale lembrar: o materpensene é, por definição, “a matriz (...), o leitmotiv, o pilar mestre ou o pensene predominante em qualquer holopensene” (VIEIRA, 2018, p. 14.514). Haja vista essa definição, o materpensene é o responsável por moldar, condicionar e determinar como a consciência penseniza quando se manifesta espontaneamente, ou seja, sem qualquer processamento intelectual ou, sob outra ótica, operando intuitivamente. Por isso, ao se calibrar o materpensene, em especial conforme a Cosmoética e o Paradireito, a pensenização básica sadia passa a se produzir sem o processamento intelectual. Dito de outra forma, sem essa atuação intelectual predominante, a qual corresponde em geral à boa parte do modo de produção pensênica, a pensenização básica passa a funcionar automaticamente de acordo com a cosmovisão evolutiva. A consequência imediata disso é o pensar, sentir e exteriorizar energias de modo hígido e universalista enquanto modo de funcionamento básico da consciência. Quando essa condição se instala a nível materpensênico, as expansões de consciência e, no limite da saturação desse estado, a cosmoconsciência, decorrem naturalmente. A explicação para tal encadeamento pode ser dada sob a perspectiva da fisiologia (e para-

fisiologia) dos corpos de manifestação da consciência. Se se entender a cosmoconsciência enquanto estado avançado de saúde consciencial, e a cosmovisão evolutiva enquanto capaz de proporcionar isso, fica bastante evidenciado o nexo de causalidade entre as duas circunstâncias. Mais detalhadamente, (i) se a cosmovisão evolutiva pode ser fundamental para se obter saúde somática, energética, emocional e mental da consciência quando adotada não apenas na teoria, mas acima de tudo na prática e na vivência pessoal; (ii) se o enraizamento disso é capaz de modular o próprio *materpensene* numa matriz de pensenes homeostáticos produzidos sem o intermédio de processos intelectivos; (iii) se o *materpensene* leva, de fato, a determinado funcionamento intuitivo e automatizado; (iv) se a expansão de consciência se desencadeia quando a operação pensênica intuitiva é homeostática; e, (v) se a cosmoconsciência acontece quando há grande saturação dessa operação pensênica intuitiva homeostática, tem-se aqui os elementos-chave da equação explicativa desse complexo fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, quando a consciência se satura positivamente na teoria e na prática, a vivência da expansão da consciência e da cosmoconsciência ocorrem de modo praticamente espontâneo, natural, fluido, sem esforço, sem forçar. Exemplificativamente, é como o *samadhi* descrito pelo Yoga (PATANJALI, 2015). Se a consciência segue todos os preceitos ali dispostos para se obter o *samadhi*, o qual em outras palavras é a própria cosmoconsciência, é como se ela estivesse montando a “armadilha” para acontecer o *samadhi* com ela mesma. A hipótese da Saturação Intelectiva da Cosmovisão Evolutiva (SICE) ajuda a compreender o processo parafisiológico do *mentalsoma* em relação à experiência da cosmoconsciência. A SICE consiste na saturação teórico e principalmente prática sobre os constructos relacionados à evolução da consciência, em especial conforme apresentado pelo paradigma consciencial, de modo a partir a vivência desses constructos intuitivamente, isto é, de maneira automatizada. Para isso acontecer, a saturação deve ocorrer de tal forma a influenciar e alterar a estrutura de manifestação da consciência, denominada conscienciologicamente de *materpensene*. Isso explica por que este autor teve a experiência de cosmoconsciência pelo estudo e produção do verbete do *materpensene* paradireitológico (MARCHIOLI, 2018, p. 14.533). No caso, houve saturação tão intensa e profunda do ponto de vista intelectual, tanto teórico, mas principalmente prático, porque se tentava alinhar o escrito, relacionando-se o evolucionólogo ao Paradireito, com as próprias manifestações, notadamente pensênicas. Essa hipótese também apresenta grande potencial heurístico, porque conjumina com a necessidade ou aspecto relacionado à depuração da mente, pois para haver a saturação não

pode haver poluição com conteúdos os quais diminuam o potencial de expansão da consciência. Essa poluição acontece especialmente quando maior domínio de emoções mais protorreptilianas, subcerebrais ou instintivas, a exemplo da paixão, ojeriza, ódio, ansiedade e assim por diante. Essas manifestações podem ser evitadas ou bastante minimizadas quando a vida está balizada conforme a cosmovisão evolutiva.

Para isso acontecer no caso do autoconhecimento é muito mais complexo, porque esse tipo de conhecimento não se encontra em livros ou em qualquer objeto fora da psique da própria consciência. É preciso mergulho em si mesmo por meio da autopesquisa. Como o autoconhecimento é a área do saber mais difícil de se adquirir o conhecimento intuitivo, é natural ficar por último.

A cosmoconsciência e a cosmovisão evolutiva comunicam-se entre si enquanto vias de mão dupla. Uma amplia a outra, e vice-versa. Conforme já se pontuou, “quanto mais cosmoética seja a automundividência íntima da consciência, maior a sua cosmovisão evolutiva” (VIEIRA, 2014, p. 250). E ainda, “o parafenômeno da cosmoconsciência, paradoxalmente, demonstra a realidade intra e extrafísica de quem o vivenciou, ou seja, a consciência experimenta a saída da progressão aritmética para a geométrica, ou da egovisão para a cosmovisão” (VIEIRA, 2014, p. 534).

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

01. ANDRADE, Marilza de. **Projeções assistenciais**: O que você pode fazer em termos assistenciais por meio das experiências fora do corpo? 2ª ed. Foz do Iguaçu, PR: Editares, 2019.
02. AZEVEDO, Eduardo. Autocosmovisão. Disponível em <https://bit.ly/3DUByYF>.
03. AZEVEDO, Eduardo. Centralização da consciência. In: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. Disponível em <http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>.
04. AZEVEDO, Eduardo. Minimalismo pró-evolutivo. In: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. Disponível em <http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>.
05. BUCKE, Richard Maurice. **Cosmic consciousness** – A study in the evolution of the human mind. Philadelphia: Innes and Sons, 1905.
06. CARPENTER, Edward. **From Adam’s peak to elephanta** – Sketeches in Ceylon and India. Londres: George Allen and Unwin, 1903.
07. MARCHIOLI, Rodrigo. Autoexperimentografia Projeciológica sobre a Cosmoconsciência. **Revista Conscientia**, v. 25, n. 1, 2021, p. 111-120.
08. MARCHIOLI, Rodrigo. Lei da evolução; Materpensene paradireitológico; Paradireitoterapia; Parapercepção mentalsomática. In: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. Disponível em <http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>.

09. OLIVEIRA, Caroline de. Experiência projetiva e priorização evolutiva a partir da aplicação da técnica da visualização parapsíquica. **Revista Conscientia**, v. 25, n. 1, 2021, p. 17-25.
10. PATANJALI. **Os yoga sutras**. Tradução de Carlos Eduardo G. Barbosa. São Paulo: Mantra, 2015.
11. SCHLOSSER, Ulisses. **Dicionário neológico de parafenomenologia**. Foz do Iguaçu: Editares, 2021.
12. SCHLOSSER, Ulisses. Experiences through the gradual expansion of consciousness, conscientiality and global ethics. *In*: MASAELI, Mahamoud (ed.). Spirituality and global ethics. **Newcastle: Cambridge Scholars Publishing**, 2017.
13. SCHLOSSER, Ulisses. Richard Maurice Bucke and the modern study of cosmic consciousness. *In*: MASAELI, Mahamoud; SNELLER, Rico (eds.). Cosmic consciousness and human excellence: implications for global ethics. **Newcastle: Cambridge Scholars Publishing**, 2018.
14. SCHNEIDER, João Ricardo. **História do parapsiquismo** – Das sociedades tribais à Conscienciologia. Foz do Iguaçu: Editares, 2019.
16. VIEIRA, Waldo. Cosmoconsciência; Cosmovisão humana; Pré-cosmovisão. *In*: VIEIRA, W. (org.). **Enciclopédia da Conscienciologia**. Disponíveis em <http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>.
17. VIEIRA, Waldo. **Homo sapiens pacificus**. Foz do Iguaçu: Editares, 2007.
18. VIEIRA, Waldo. **Léxico de Ortopensatas**. Volume I. Foz do Iguaçu: Editares, 2014.
19. VIEIRA, Waldo. **Projeciologia** – Panorama das experiências fora do corpo humano. 10ª edição. Foz do Iguaçu: Editares, 2008.
20. VIEIRA, Waldo. **Projeções da consciência** – Diário de experiências fora do corpo físico. 8ª edição. Foz do Iguaçu: Editares, 2008.

Rodrigo Marchioli

Advogado e professor universitário. Mestre em Direito.

Voluntário, pesquisador e docente da Associação Internacional de Parapsiquismo Interassistencial – ASSIPI - e do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC.

E-mail: rodrigo.marchioli@gmail.com